

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

1

Entre fundos e coleções: Os arquivos pessoais do Centro de Memória e Arquivo da FCM

RAFAELA BASSO¹

O presente artigo pretende apresentar o trabalho que está sendo realizado na organização dos diferentes arquivos pessoais que estão sob a guarda do Centro de Memória e Arquivo da FCM (CMA) tendo em vista discutir algumas das possíveis metodologias para aqueles que atuam na organização deste tipo de arquivo.

O CMA é um espaço dedicado à preservação da memória institucional como também ao estudo da História das Ciências da Saúde. Embora recente, ele já tem um acervo histórico representativo da história da Faculdade de Ciências Médicas, bem como da própria Universidade Estadual de Campinas. Cabe destacar neste ponto, a relevância da documentação para reconstrução da memória da Universidade como ambiente privilegiado de produção de conhecimento científico. O acervo do CMA/FCM congrega *fundos institucionais* que oferecem possibilidades de estudo sobre a trajetória da instituição, seja no âmbito do ensino e pesquisa nos níveis de graduação, pós-graduação e residência, seja no âmbito administrativo. E também *fundos pessoais* dos profissionais ligados à produção científica dessa instituição e que dela fizeram parte, como médicos e docentes. Tais fundos permitem estudar a contribuição de tais indivíduos no campo das Ciências da Saúde, suas trajetórias intelectuais e pessoais, além das relações estabelecidas com outros cientistas e instituições e, por fim, permite conhecer igualmente a trajetória da própria Universidade Estadual de Campinas. Muitos documentos, que estão sob a guarda do local, são inéditos e não existem em nenhum outro arquivo/centro documental da Universidade, informação esta muito importante neste ano de 2016 quando a Unicamp completa 50 anos de história.

A organização de tais conjuntos documentais representa um grande desafio. Isto porque é muito comum a dificuldade em separar os arquivos pessoais das coleções presentes nos fundos institucionais, ou seja, dos arquivos de laboratórios e departamentos, onde os profissionais exerceram suas funções na FCM. Podemos encontrar em alguns fundos pessoais

¹ Historiadora do Centro de Memória e Arquivo da Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP. Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas, na área de Política, Memória e Cidade. Mestre em História pela mesma Instituição (2012).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

documentos institucionais provenientes dos locais de trabalho dos docentes, sendo o inverso também frequente.

Para exemplificar as práticas utilizadas pela nossa instituição na organização e preservação desta rica e diversa documentação, iremos lançar mão de dois diferentes casos presentes em nosso acervo. O primeiro deles é o fundo documental do geneticista Bernardo Beiguelman. Embora este arquivo seja considerado pessoal, especialmente por conta de sua proveniência (a própria casa do titular), possui muitos documentos das Instituições nas quais ele atuou, especialmente, a Unicamp. O segundo caso é o arquivo de José Lopes de Faria que embora seja institucional, já que é proveniente do Departamento de Anatomia Patológica da FCM, traz muitas informações sobre a trajetória pessoal e científica do professor Lopes de Faria. Tal coleção foi construída a partir da documentação acumulada e deixada em sua sala após sua aposentadoria.

A ideia é fazer uma breve apresentação destes dois acervos, apontando suas diferentes formas de incorporação, para que possamos refletir a respeito dos desafios que os profissionais que trabalham com os arquivos pessoais podem se deparar no tratamento de acervos dessa natureza.

O arquivo do professor doutor José Lopes de Faria chegou ao CMA, através do trabalho de gestão documental realizado no Departamento de Anatomia Patológica, no ano de 2008.² Neste ponto, é importante explicarmos em que consiste este trabalho. Muito comum em órgãos da administração pública, a gestão documental pode ser caracterizada de acordo com a Lei Nacional que dispõe sobre a Política de Arquivos Público e Privados, n.º 8.159 de 08.01.1991 como um conjunto de procedimentos técnicos referentes à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente.³

Tal trabalho posto em prática nos Departamentos, Centros, Núcleos e Laboratórios da FCM, sob orientação do Sistema de Arquivos da Unicamp (SIARQ), visa orientar sobre o correto gerenciamento dos documentos produzidos, recebidos e acumulados pelos respectivos

² As atividades de gestão documental têm sido de fato a maior fonte de captação dos arquivos pessoais para o acervo pessoal do CMA. Fora o caso da coleção de José Lopes de Faria, podemos elencar as coleções do Oswaldo Vital Brazil (Departamento de Farmacologia/Laboratório de Junção Neuromuscular) e de José Francisco Figueiredo (Laboratório de Conservação de Órgãos)

³ **LEI Nº 8.159, DE 8 DE JANEIRO DE 1991.** Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. in http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/L8159.htm. Acesso em 22/03/2016

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

setores. Ou seja, a ideia é que os técnicos do Centro de Memória façam visitas periódicas aos locais e orientem produtores e detentores da documentação sobre a aplicabilidade dos instrumentos de gestão documental, tais como plano de classificação e tabela de temporalidade - e a melhor forma de organizar, acondicionar e destinar os documentos produzidos e recebidos pelos setores da Faculdade.

Antes de tratarmos da documentação do acervo de Lopes de Faria, acumulada no Departamento, é necessário dedicarmos algumas palavras para apresentar sua trajetória profissional na FCM, o que ajuda na elaboração do quadro de arranjo e na identificação dos documentos encontrados no Departamento de Anatomia Patológica. José Lopes de Faria teve grande contribuição na criação deste departamento, como também na organização de serviços indispensáveis para o seu funcionamento, tais como o setor de documentação científica, o museu didático e o biotério. Tal empenho fez com que a Lopes de Faria fosse indicado à chefia do Departamento desde o seu início, ainda na Maternidade de Campinas, cargo no qual permaneceu durante muito tempo, tornando-se pelo mesmo motivo diretor-associado da FCM-UNICAMP entre os anos 1967 e 1969 e diretor no quadriênio 1972-1976.

O estudo de sua biografia é fundamental para entendermos o processo de constituição do seu arquivo e explica o fato de que a maior parte da documentação encontrada no trabalho de gestão documental no Departamento diz respeito a sua atuação, não só na Unicamp, mas também em outras instituições em que ele trabalhou no período anterior a sua contratação. Isso é uma situação muito comum e pode ser encontrada em outras universidades brasileiras, como nos mostra José Francisco Guelfi Campos, em sua pesquisa de mestrado sobre os arquivos de pesquisadores e docentes da USP. (CAMPOS, 2014)

Docentes que detém certa projeção, principalmente científica ou que ocuparam cargos de chefia ao longo de sua trajetória profissional, acabam tendo seus documentos guardados nos Departamentos em que atuaram, que não raro se constituem enquanto verdadeiros memoriais de sua trajetória profissional e mesmo pessoal.

No conjunto documental de Lopes de Faria, que por ora chamaremos de coleção, encontramos dados e informações que retratam sua trajetória profissional, entre os quais destacamos reportagens, artigos científicos de autoria do próprio titular da documentação,

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

comprovantes curriculares, projetos de pesquisa, livros de registro de aula, entre outros documentos.

Em relação aos cargos administrativos ocupados por este professor, temos documentos que retratam as atividades administrativas desenvolvidas tanto na Faculdade de Ciências Médicas como também no Hospital de Clínicas (HC), instituição com cujo departamento mantinha estreita ligação pelas suas atividades assistenciais, além do fato de ficar alocado fisicamente no local. Sobre este último ponto encontra-se na coleção, papéis da Comissão de Pesquisa da FCM/Unicamp, da qual Lopes de Faria fazia a presidência, e também documentos da Comissão de Normas, Éticas e Regulamentos do HC.

Não podemos esquecer que, no decorrer de sua carreira, José Lopes de Faria estabeleceu relações interinstitucionais que podem ser vislumbradas, por exemplo, através dos documentos da Sociedade Brasileira de Patologistas, a qual fazia parte, ou dos pedidos de separatas que recebeu ao longo de sua carreira.

Ao emprendermos uma avaliação deste acervo, chama atenção a presença de documentos relativos ao início de sua carreira, quando atuava na Universidade Federal de Minas Gerais e depois na Universidade de São Paulo, entre os quais destacamos: protocolos, laudos e fotos de experimentos, além de correspondências trocadas com outros especialistas da área.

Mas os documentos encontrados no Departamento de Anatomia Patológica vão além daqueles pertencentes a José Lopes de Faria. Uma parte significativa diz respeito a rotinas administrativas e científicas do Departamento, entre as quais destacamos dois grupos em especial. O primeiro deles aborda as atividades da secretaria de graduação, onde temos provas, boletins de notas e frequências, avaliação de curso, além de um acervo bibliográfico relativo aos periódicos de interesse do Departamento, entre os quais destacamos livros, periódicos, memoriais, teses de pós-graduação defendidos por alunos que passaram pelo Departamento ao longo de sua história.

O segundo refere-se ao Laboratório de Anatomia Patológica no qual Lopes de Faria atuou. Em relação a este último, nos deparamos com cadernos de experimentos, relatórios anuais, materiais para exames como lâminas para prova prática e, por fim, não menos importante há um pequeno conjunto tridimensional composto por equipamentos utilizados

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

outrora pelo laboratório. Isto é, trata-se de documentos e equipamentos que dizem respeito à produção científica no âmbito do saber da Anatomia Patológica na Unicamp.

Observa-se, portanto, que o trabalho de gestão é importante para reconstrução da história institucional da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, já que consegue recuperar documentos que muitas vezes ficam esquecidos nos Departamentos ou Laboratórios. Sobre este ponto, é importante lembrar que nem tudo que é encontrado deve ser incorporado aos fundos institucionais. É interessante perceber que parte do trabalho de gestão documental consiste em separar os documentos que serão recolhidos para a guarda permanente daqueles que podem ser eliminados. Em relação ao fundo do Departamento de Anatomia Patológica foram elencados, por exemplo, como documentos passíveis de serem eliminados: recibos de compra de café, ofícios, relações de remessa, listas de presença, entre outros produzidos em decorrência especialmente das atividades ‘meio’ do local.

Para atender os propósitos de avaliação e destinação dos documentos, o processo de gestão documental não deve nunca perder de vista levantar a maior quantidade de informações possíveis relativas à história arquivística do conjunto documental analisado e deve seguir os atos normativos que os regulam, seja em termos de prazos e procedimentos. Além disso, deve-se ter muito cuidado no trabalho de seleção ou mesmo transferência dos documentos para que eles não se misturem, perdendo assim sua capacidade de refletir as atividades que lhes deram origem.

Após a apresentação dos processos relativos à incorporação de coleções pessoais provenientes de um fundo institucional, cabe agora fazermos uma breve apresentação como essas etapas se aplicam a um fundo pessoal.⁴ Em linhas gerais, a incorporação deste tipo de acervo percorre um caminho diferente se comparado aos arquivos provenientes de Departamentos ou Laboratórios da Instituição⁵.

⁴ Importante mencionar que não raro os arquivos pessoais complementam muitas vezes alguns fundos institucionais, sejam de laboratório ou mesmo departamentais, cito o caso do arquivo de Mário Mantovani, o qual está em processo de aquisição, e que complementará o arquivo do Laboratório de Medicina Experimental, onde o titular exerceu suas funções.

⁵ As etapas de trabalho de organização desenvolvido com este tipo de acervo pessoal não serão detalhadas aqui já que foram outrora apresentadas em uma comunicação no XVII Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas, sob o título “As experiências preliminares do tratamento de um arquivo pessoal: Estudo de caso do fundo Bernardo Beiguelman”, encontrando-se publicado nos Anais do evento. http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399571938_ARQUIVO_ExperienciaspreliminaresdotratamentodeumarquivopessoalRafaelaBasso.pdf

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

O processo de aquisição de um fundo pessoal geralmente tem início a partir do interesse de familiares e/ou colegas de trabalho que entram em contato com o Centro de Memória da FCM para a doação de conjuntos documentais ou bibliográficos. Esse foi o caso do acervo do prof. Dr. Bernardo Beiguelman que chegou a nossa instituição através da declaração de interesse dos colegas de trabalho do Departamento de Genética Médica da FCM.

Tal interesse se justificaria pelo fato de que a documentação por ele produzida e acumulada ao longo de vida representava uma grande contribuição para a memória institucional da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Após manifestação positiva de interesse por parte da família em colaborar, foi aprovada, em reunião do conselho do referido Departamento, a proposta de solicitação de criação do acervo junto ao Centro de Memória e Arquivo da FCM. Após finalizada esta etapa inicial, foi feita uma portaria pelo Diretor da Faculdade de Ciências Médicas designando um grupo de trabalho multidisciplinar para a avaliação preliminar do acervo documental.

Tal grupo de trabalho teve como objetivo principal verificar se a incorporação do referido conjunto documental cumpria com a política de acervo do Centro de Memória e Arquivo da FCM, disposto em seu documento de criação, no qual esclarece como objetivo desse órgão: “preservar a memória da Faculdade, protegendo seu acervo arquivístico, para servir como referência, informação, prova ou fonte de pesquisa científica”.

Constituído o grupo, - através de nomeação de portaria – foi dado início ao processo de avaliação documental que geralmente é realizado através de visitas técnicas ao local onde os documentos encontram-se armazenados. No caso da documentação de Bernardo Beiguelman, elas foram realizadas na casa da família, na cidade de São Paulo. Deve-se considerar que este consiste em um momento importante para o levantamento do histórico de produção e acumulação do acervo que poderá ser incorporado ao CMA, ou seja, processo fundamental para a organização e posterior descrição dos itens arquivísticos. Isto porque os técnicos responsáveis pela avaliação documental têm a oportunidade de coletar informações com os familiares ou o próprio titular do fundo.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

Este processo de avaliação deve ater-se aos pontos que apresentaremos a seguir. Primeiramente, é necessário verificar se o conjunto documental está de acordo com os critérios estabelecidos para a guarda no acervo do Centro de Memória e Arquivo da FCM, que consiste em incorporar documentos que reflitam as atividades desenvolvidas dentro da Faculdade.

Em segundo lugar, deve-se analisar se os documentos compõem um conjunto representativo e que remete às diferentes atividades administrativas de ensino e de pesquisa desempenhadas por seu titular. É característico encontrarmos neste tipo de fundo, um conjunto de livros, teses e artigos científicos de produção própria do titular ou que reflita suas áreas de interesse, sejam estas de caráter profissional ou mesmo pessoal. Diante disso, há quase sempre a necessidade de avaliar a existência de obras raras e/ou especiais, A guisa de exemplo, no acervo de Bernardo Beiguelman, a proposta foi:

“verificar as obras representativas das áreas de interesse do produtor do fundo enquanto docente e pesquisador, além de sua trajetória intelectual. Depois foram avaliadas as condições físicas da coleção, não perdendo de vista o reconhecimento da presença de obras raras e/ou especiais. As funcionárias da Biblioteca Central Cesar Lattes/Seção de Obras Raras da UNICAMP, pautando-se em normas presentes nos principais códigos de catalogação de obras raras e também nos critérios institucionais da Universidade, avaliaram que os volumes analisados não se inseriam nestas características.” (BASSO, 2014:7)

Por fim, e não menos importante, deve-se avaliar o estado em que a documentação encontra-se armazenada, em termos de conservação e volume documental. De um modo geral, as visitas técnicas têm como produto final a elaboração de um relatório científico que contribui para a formação do parecer final - se o acervo irá ou não ser incorporado -, e em caso positivo, quais conjuntos documentais serão incorporados ao acervo e quais estão em desacordo com os critérios de guarda e preservação documental do Centro de Memória e Arquivo da FCM.

No caso do arquivo de Bernardo Beiguelman, os documentos incorporados ao acervo passaram também por um processo de avaliação, onde foram priorizados documentos que refletissem as atividades relacionadas ao ensino, à produção científica, às funções administrativas, às relações institucionais e pessoais exercidas especialmente em sua carreira universitária junto a Unicamp.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

Tal como o acervo de Lopes de Faria, o de Bernardo Beiguelman contém arquivos institucionais gerados e acumulados no desempenho de suas funções na Unicamp e em outras instituições que atuou. Mas diferentemente dos arquivos institucionais, arquivos pessoais, como o de Bernardo Beiguelman, têm muitos documentos de origem privada que demonstram relações familiares, de amizade para além do círculo profissional. Embora não deixem de trazer informações sobre este ponto também.

É importante que todo esse processo de avaliação tenha como objetivo pôr em prática a definição de política de incorporação de arquivos pessoais, que embora não esteja formalizada em nenhuma diretriz publicada já possui claramente uma linha de acervo. Tal ponto é uma questão importante já que observamos ultimamente um aumento no número de processos de doação de fundos pessoais. Acreditamos que essa demanda está diretamente relacionada às estratégias de sensibilização da comunidade local, mediante a valorização da importância desses arquivos como repositórios da memória da Instituição e dos profissionais que dela fizeram parte.

Uma das estratégias neste sentido, e que acreditamos ser um dos fatores para o aumento do interesse na doação, tem sido a organização de eventos focados na temática dos arquivos pessoais. Tais eventos, além de divulgarem a riqueza e diversidade da documentação preservada pelo CMA, têm como objetivo mostrar as possibilidades de trabalhos com esses acervos.

O primeiro evento foi realizado no ano de 2015 e contou com a divulgação do acervo do professor doutor Bernardo Beiguelman. Tal evento organizado em parceria com o Departamento de Genética Médica teve a realização de duas palestras: A primeira que apresentou a contribuição de Bernardo Beiguelman para a pesquisa e a produção científica desenvolvida desde os primórdios da existência da Faculdade de Ciências Médicas e a segunda que apresentou o trabalho que está sendo realizado na organização arquivística do Arquivo Pessoal do geneticista. O evento foi realizado em conjunto com a exposição “*O arquivo pessoal de Bernardo Beiguelman: Trajetória e contribuições científicas*”.

Eventos como esses são essenciais para o resgate e preservação da memória da instituição, através da mobilização dos servidores docentes e não docentes sobre a

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

importância que os documentos preservados em uma instituição como a Faculdade de Ciências Médicas possuem para além da celebração da memória de seus titulares.

Assim, seja através da realização de eventos, seja através do trabalho de gestão documental o que se observa é o aumento do interesse da comunidade local pela preservação da memória institucional. Cabe agora dedicarmos algumas palavras aos pontos de interseção e distanciamentos dos arquivos pessoais que compõe o nosso acervo.

Tanto no caso da coleção de Lopes de Faria como do fundo pessoal de Bernardo Beiguelman, - apesar de suas diferentes procedências- é possível identificar um padrão de acumulação e uni-los sob a denominação de arquivos pessoais. Isso porque os documentos que neles encontramos mantem, de acordo com os parâmetros propostos pelo *Manual de Organização de Arquivos Pessoais* um relação direta com as funções, atividades e áreas de atuação de cada um dos seus produtores. (DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO DA CASA DE OSWALDO CRUZ, 2015: 27)

Além disso, ambos os casos se encaixam na definição proposta por Heloisa Belloto, a qual entende como arquivo pessoal todo conjunto de

“papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividades de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. Enfim, pessoas cuja maneira de atuar, agir, pensar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade.” (BELLOTTO, 2006:266)

O arquivo pessoal constitui-se, portanto, como resultado das atividades e funções desenvolvidas por um indivíduo ao longo de sua trajetória de vida. Por conta disso, com relação às coleções pessoais presentes nos arquivos institucionais, que frequentemente sofrem uma ação de intervenção realizada pelos responsáveis por sua guarda - o trabalho de gestão documental acima citado deve ser cuidadoso para manter o máximo possível a ligação entre os documentos e as atividades que o geraram. Ou seja, busca-se manter no arquivo a ligação aos processos que lhe deram origem, já que não podemos esquecer as considerações propostas por Ana Maria Camargo, quando argumenta que estes tipos de documentos devem

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

ser encarados como qualquer outro arquivo e, portanto, devem obedecer aos mesmos postulados, conforme visualizamos no trecho a seguir:

necessidade de preservar a integridade do fundo e o sistema de relações que os documentos mantêm entre si e com o todo; o respeito à proveniência: a primazia do contexto sobre o conteúdo (ou do valor probatório sobre o valor informativo), nas operações de arranjo e descrição; e a impermeabilidade do arquivo em face de seu uso secundário” (CAMARGO, 2009: 28)

Dito isto não resta dúvida que independente da natureza da acumulação desses acervos, se são fundos ou coleções, é importante preservar as circunstâncias em que foram produzidos, além disso, deve-se documentar todos os percursos que destes documentos até ingressarem na instituição de custódia. Essas informações, aliadas ao seu contexto, são essenciais para todas as etapas do tratamento documental que eles receberão, desde a organização até a descrição.

Sobre este último ponto, conforme apresentado anteriormente, esses dois conjuntos documentais trilham caminhos distintos até serem incorporados ao nosso acervo e poderem ser disponibilizados para consulta. No caso dos fundos pessoais, como o de Bernardo Beiguelman, o processo mais comum, conforme procuramos evidenciar, é o de doação, no qual é imprescindível haver a elaboração de um contrato, no qual são estabelecidos as diretrizes em relação à consulta, utilização ou publicação das informações para fins de pesquisa e divulgação científica. Para a elaboração deste contrato, é fundamental a presença de um inventário sumário dos itens que serão doados, para garantia de questões relativas à propriedade e, quando necessário, poderá ser enviado à Procuradoria Geral da Unicamp antes que se decida por incorporá-los.

Já no caso dos arquivos institucionais, o processo mais comum de incorporação é aquele denominado por José Francisco Guelfi como reminiscência, a partir do qual os docentes, ao se desligarem da Universidade, deixam no local de trabalho os documentos que produziram e acumularam, no decorrer dos anos de sua atuação. (CAMPOS, 2014: 137) Ou seja, nota-se que o procedimento para incorporação é diferente e deve cumprir alguns dispositivos legais - comuns a todos as unidades que compõe o Sistema de Arquivos da Unicamp - até a transferência do acervo para a guarda permanente em nosso centro de documental.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

Sobre o processo de gerenciamento da documentação recolhida, deve-se dizer que o Centro de Memória dispõe de certa autonomia, sobretudo em relação ao acesso ou mesmo ao seu descarte, quando necessário. Especialmente, neste último caso, há o cumprimento de uma série de normas praticadas na Unicamp como um todo, sob o gerenciamento do SIARQ.

Logo, independe dos caminhos percorridos, os arquivos apresentados ao longo deste artigo são de suma importância para se vislumbrar os estágios intermediários da pesquisa científica desenvolvida nas universidades brasileiras. Este tipo de documentação, para além de fragmentos de histórias individuais, se tornam fontes inesgotáveis para a pesquisa no âmbito da história das ciências da saúde como também para a construção e valorização da memória institucional.

Bibliografia

BASSO, Rafaela “As experiências preliminares do tratamento de um arquivo pessoal: Estudo de caso do fundo Bernardo Beiguelman”. *in* XVII Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas, Rio de Janeiro. 2014.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. “Arquivos Pessoais: uma proposta de descrição”. *Arquivo Boletim Histórico e Informativo*, São Paulo, v.9 n.1, p21-24, jan/jun, 1988.

_____e GOULART, Silvana. *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais. Procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos dos documentos de Fernando Henrique Cardoso*. São Paulo: IFHC, 2007.

_____“Arquivos pessoais são arquivos”. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v.45, n.2, p. 26-39. Julho-dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2013.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

CAMPOS, José Francisco Guelfi. *Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado Departamento de História –USP, 2014.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. *Metodologia de organização de arquivos pessoais: a experiência do CPDOC*. 4. ed.rev. e atual. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO DA CASA DE OSWALDO CRUZ. *Manual de organização de arquivos pessoais*. – Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2015.

MELLO E SILVA, Maria Celina Soares, SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. (Orgs) *Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência*. Rio de Janeiro, RJ : Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012.

SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. *Entre o laboratório, o campo e outros lugares: gênese documental e tratamento técnico em arquivos de cientistas*. Dissertação de Mestrado Departamento de História –USP, 2002.

_____. *Arquivos de cientistas: gênese documental e procedimentos de organização*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2005.